

A portrait of D. Manuel Linda, a middle-aged man with grey hair and glasses, wearing a dark pinstriped suit jacket over a grey clerical shirt with a white collar. He is smiling slightly and looking off-camera to the right. The background is a blurred green foliage.

ECCLESIA

EDIÇÃO ESPECIAL

D. Manuel Linda
Bispo do Porto



Porto: Uma diocese onde o bispo é uma «referência nacional e internacional» - D. Manuel Linda

Em entrevista à Agência ECCLESIA, o novo bispo do Porto indica as prioridades para o trabalho episcopal que inicia este domingo na diocese mais populosa de Portugal, diz que a questão económica diocesana “não é um drama”, aponta o diálogo e a proximidade como atitudes do quotidiano e afirma que “não há oposição entre os bispos, em Portugal”

Agência Ecclesia - Sucede a D. António Francisco dos Santos e disse querer imitar a sua afetividade pura. Assim referiu na mensagem que dirigiu à Diocese do Porto. De que forma é que isso vai acontecer?

D. Manuel Linda - Não há cópias. De qualquer forma, sensibilidade que ele mostrou e passou para a sociedade também será a minha maneira de atuar, na linha da simplicidade, na relação com os leigos, com o clero, com as autoridades. Não estou aqui para ditar normas, mas para caminhar e estar com as pessoas.

AE - Inspirando-se no Papa Francisco nessa atitude de proximidade e diálogo?

ML - É a mesma, na prática. Uma proximidade afetiva às pessoas concretas, particularmente aos mais débeis, aos velhinhos e doentes e às crianças, e a partir daí caminhar com a mesma doutrina que todos possuímos.

“A questão económica não é um drama”

AE - São dois marcos que vão definir o seu trabalho na Diocese do Porto: D. António Francisco no que ele inspira e o Papa Francisco no que ele propõe para a Igreja Católica em todo o mundo. A partir de D. António Francisco, sabemos que a sua capacidade de doação foi o que levou ao fim inesperado da sua vida, por causa dos muitos problemas que havia na Diocese do Porto. Tem-nos identificado e sabe de que forma contornar e resolvê-los?

ML - Não concordo que tenham sido os problemas da diocese a levar àquele desfecho, certamente foram as condições de saúde. Numa linguagem simples, ele não se poupava. No entanto, acho que ele fazia trabalhos que, porventura, não precisavam de ser realizados naquela dimensão. Por exemplo, ele escrevia todas as homilias. E quem escreve uma homilia, sabe bem o tempo que isso demora: a organização das ideias e

a passagem das mesmas à escrita, que não é o mesmo que a oralidade.

A maior parte das homilias não necessitam de ser escritas e, muitas vezes, a nossa forma de expressão oral, é capaz de ser mais fluente do que ler um papel.

AE - Mas, mais preocupante do que escrever homilias serão as questões económicas que a diocese tem de enfrentar, por exemplo...

ML - Certo. Mas lá estaremos para resolver. Vai haver problemas até ao fim do mundo, não os resolveremos de uma vez só!

AE - Não o preocupa a situação em que possa estar a diocese nesse âmbito?

ML - Preocupa-me a falta de capacidade de nos unirmos para anunciar o Evangelho. A questão económica enquanto tal não é um drama, porque o Porto tem recursos, tem boas vontades, não tenhamos ilusão, tem capacidades de gente incrível para a gestão. Vamos identificar os problemas, perceber porque se chegou a uma situação com gravidade (que ainda não conheço), e, depois de a identificar, vamos arranjar uma solução. Com o tempo, não é de um dia para o outro. A Diocese do Porto não irá à falência, de certeza absoluta.

AE - Há casos relacionados com alguma “indisciplina” de alguns párocos. Esse problema está em vias de ser resolvido?

ML - Eu acredito sempre na bondade de todas as pessoas. De todas!

AE - Mesmo quando provam o contrário?

ML - Não vejo provas em contrário. Quando as pessoas estão na disposição do diálogo e de perceber que a Igreja não é uma sociedade qualquer, mas tem objetivos, metas e estruturas, logicamente que as pessoas que são inteligentes vão colaborar. Se alguém não quiser colaborar, terá de ficar pelo caminho...

AE - É a atitude do bispo diocesano?

ML - Se me permite uma expressão tipicamente do

povo, o bispo diocesano vai-se desfazer em amabilidade para cativar boas vontades. Se mesmo assim não o conseguir, não sei. Vamos ver...

AE - A atitude é o do diálogo e proximidade também nesses casos?

ML - O diálogo será à maneira de Paulo VI: sem limite! Mas o diálogo que não é perda de tempo. Não é dialogar por dialogar, não é o mesmo que fazem as crianças quando estão nos jogos, no sentido lúdico. Aqui não é o sentido lúdico da linguagem.

“Todos os bispos do Porto do século XX foram referências nacionais e até internacionais”

AE - Falemos da inspiração dos seus antecessores, porque a referiu na mensagem que dirigiu à Diocese do Porto: a determinação de D. António Ferreira Gomes, o zelo de D. Júlio Tavares Rebimbas, a perspicácia de D. Armindo Lopes Coelho, a lucidez intelectual de D. Manuel Clemente e a afetividade pura de D. António Francisco dos Santos. Um grande mosaico que, podemos dizer, faz o perfil ideal de um bispo?

ML - Se colher uma parte mínima de todas estas dimensões já terei alguma capacidade para me situar e ser fiel aos meus antecessores.

São homens muito grandes! Todos os bispos do Porto do século XX foram referências nacionais e até internacionais. A começar com D. António Barroso. Para mim, agora que o começo a conhecer um pouco melhor, é também uma referência mental. Referi, na mensagem, apenas os que conheci vivos, aqueles com quem até lidei. O senhor D. Armindo foi meu reitor, durante pouco tempo porque foi eleito bispo auxiliar do Porto, depois foi para Viana e regressou ao Porto como bispo residencial. E o D. António Ferreira Gomes, tantas vezes lhe escutei homilias na Sé. Quer dizer, nós naquela altura, não tínhamos capacidade de escutar uma homilia longuíssima e aprofundar um texto mais filosófico que teológico.



AE - Mas depois estudou muitas homilias, cartas e documentos de D. António Ferreira Gomes.

ML - Estudei, com muita alegria e até com um sentido agradável, porque o D. António Ferreira Gomes tem textos, literalmente falando, de antologia.

Há duas fases de vida: a fase da maturidade em que estudei como tese de doutoramento. E a fase da adolescência, em que não estamos para discursos muito longos. Na Sé, ouvíamos um bocadinho e depois as antenas começavam a desligar.

AE - Teme que seja essa a atitude de quem está agora a ouvir o bispo do Porto?

ML - É possível, mas cada um poderá responder. Tenho um propósito: que as minhas homilias não sejam tão longas como as de D. António Ferreira Gomes, mas não serão tão profundas.

AE - Investigou e escreveu a tese de doutoramento «Andragogia política em D. António Ferreira Gomes». O que é que este tema sobre a educação em adultos inspira o ministério episcopal?

ML - Se pensarmos bem, as nossas homilias, são todas elas, uma andragogia, ou seja, uma formação para homens e mulheres adultos. É um jogo de palavras, por oposição a pedagogia, que é a educação para crianças. Na Igreja, nas homilias, na catequese de adultos, nas reuniões de programação temos normalmente adultos.

Assim, a Igreja deve ser especialista em andragogia, em ter uma linguagem própria para a formação dos adultos. Foi esta linha que fui buscar ao D. António Ferreira Gomes, particularmente na vertente voltada para a dimensão da vida em sociedade.

Naquilo que foi o meu trabalho, não o escolhi a pers-

petiva da formação pastoral, no interior da Igreja, mas na relação do crente com o mundo, na dimensão político-social, político no sentido lato do termo, originário do grego, na forma como o homem se situa perante as questões da sociedade, não só perante os partidos, mas também perante a economia, a cultura, o desporto, todas as dimensões que constituem a área da nossa sociedade.

AE - Este tema da andragogia política tem marcado as suas intervenções e vai marcar o ministério do bispo do Porto?

ML - A Igreja desde o princípio não fez só pregação no sentido fiducial da fé, para o interior dos que a escutam. Ela sentiu-se sempre com uma mensagem para o mundo. Os padres da patrística diziam mesmo que a Igreja é alma do mundo, isto é, a Igreja teve sempre a perspectiva de olhar para fora e pregar para fora. Quem quiser ouvir que ouça - era a expressão que Jesus também usava. Evidentemente que eu, como todos os meus colegas, na fidelidade ao Evangelho, tenho de pregar para dentro e para fora da Igreja.

AE - Há quem diga que a pregação para fora da Igreja está cada vez menos presente na intervenção do episcopado português.

ML - Não me parece. A análise depende de muitos fatores, da quantidade, da relevância que a comunicação social lhe possa prestar ou não. Há muita pregação, extraordinária, digna de antologia que não passa para a sociedade ou porque a comunicação social não pegou, ou porque não estava...

Conheço alguma coisa do que os meus colegas vão pregando, e os sacerdotes em geral, e dou-me conta de que há uma relevância social acentuada.

Não podemos ser apenas uns agitadores sociais, não podemos pregar só para fora. A nossa pregação tem de começar na formação da fé, no interior da Igreja. Toda a atitude ética deriva daí: primeiro a fé e depois o que deriva dos comportamentos. Não me parece que haja deficit de intervenção social.

AE - Comparemos com D. António Ferreira Gomes, claro que em tempos diferentes: não acha que a intervenção de D. António Ferreira Gomes tinha essa relevância social e de transformação da sociedade mais acutilante?

ML - Não me parece. Ele também teve fases, de acordo com aquilo que a situação histórica exigia. O grande tema da paz, sim, esteve sempre presente. D. António considerou o Dia Mundial da Paz como uma referência absoluta para o seu episcopado. Mas, no início, no regresso do seu exílio, ele deu-se conta, do que tinha percebido no Concílio e do que conhecia da Europa devido ao exílio que o levou a muitos locais, a Espanha, França, Alemanha, Itália, com passagens por Inglaterra, deu-se conta que a Igreja já não era mais um regime de cristandade. E se formos ver nos anos 70, antes do 25 de abril, os grandes temas de D. António Ferreira Gomes, para além da paz e da guerra colonial, era convencer os seus padres e laicado que a Igreja seria mais a pequena grei. Ele tem mesmo um conjunto de artigos no jornal «A Voz Portucalense», sempre com o título geral «pequena grei 1», «pequena grei 2», ou seja, pequeno povo.

AE - Estava a prever o que seria a Igreja Católica, nomeadamente aqui na Europa.

ML - O que já era e que hoje vemos de forma mais feita.

Depois veio o 25 de abril, o apogeu da liberdade em que todos ficámos, eu fiquei, era um jovem, tão contentes daquele momento, mas imediatamente começaram a surgir nuvens no ar. E nuvens que se foram adensando e aquilo que era a liberdade poderia ser pretexto para ser uma ditadura, porventura pior do que a que tinha terminado. Então o D. António Ferreira Gomes, entrega-se de alma e coração ao alerta e à formação dos corações para o perigo que poderia surgir naquele contexto.

“A liturgia é expressão de uma teologia”

AE - Façamos análises semelhante ao que aconteceu com o Concílio Vaticano II. Uma transformação na Igreja Católica, a receção imediata que aconteceu com alguns perigos que se notaram de extremismos, a partir dessa receção, que no caso, a receção, dura há 50 anos...

ML - Sim, a receção não está feita na sua totalidade. Há tanto do Concílio, como está agora a acontecer com o Papa Francisco, que nós podemos e devemos retirar e atualizar e levar à prática da vida eclesial. Estou

convencido que o Papa Francisco está a fazer isso de uma maneira extraordinária, a nível do pensamento e da ação.

AE - Permitindo os tais extremismos, nomeadamente na área litúrgica.

ML - Quando há uma ação, há sempre uma reação. O Concílio foi feito numa época maravilhosa, de um otimismo enorme, nos anos 60: a recuperação da Europa, da 2ª Guerra Mundial, o nível do pensamento contou com grande otimismo. Mas a década de 70 e muito mais a de 80 foram tempos de involução, em



que o pessimismo regressou. Os que, dentro da Igreja, olharam para o Concílio e disseram 'pois, estamos pessimistas, estamos piores porque o Concílio provocou isto...' Fazem uma leitura circunstancial, não é a verdadeira. De qualquer maneira, se situarmos o Concílio num tempo de otimismo, que o é, depois, o pessimismo que veio, levou algumas pessoas a dizer que o Concílio o tinha gerado! Há, hoje franjas que continuam esta linha de pensamento e dizem «O Concílio gerou mal para a Igreja». Mas são verdadeiras franjas, não são a Igreja na sua essência.

AE - Mas ganham expressão, nomeadamente mediática.

ML - Visibilidade apenas, só isso.

AE - É sobretudo no âmbito litúrgico e doutrinário que essas questões se colocam?

ML - Sim, litúrgico e doutrinário, porque a liturgia é expressão de uma teologia. Quando a pessoa tem atitudes extremas a nível da liturgia, é porque há uma determinada perceção a nível da teologia, situando-se apenas num núcleo, desprezando todos os outros e, muito mais, o núcleo de abertura ao mundo.

“A história colocou-nos nas mãos estes palacetes que levam à inveja”

AE - Falemos ainda do Papa Francisco e sobre o que ele provoca na Igreja e nas dioceses. Há atitudes que ele tem no Vaticano que poderíamos perguntar por-



que não acontecem nas dioceses. Por exemplo, a respeito de ocupar um Palácio do Vaticano ou um Palácio Episcopal ou um modesto apartamento.

ML - Se me arranjar uma solução aqui para o Porto, eu fico contente. Hoje este palácio, que identifica a cidade com o conjunto da Sé e da casa anexa, identifica a cidade. Embora o símbolo seja a Torre dos Clérigos, até porque é mais fácil desenhar, aquele Morro da Torre Ventosa, assim se chama esta zona, é que mais chama a atenção.

Arranje-me uma solução! Ficamos com o 'bebé nas mãos' e hoje não sabemos o que fazer. Mais de metade da casa onde vive o bispo e onde estão instalados praticamente todos os serviços diocesanos, são corredores e salões, sem nenhuma utilidade.

AE - Desde há algum tempo podem ser visitados...

ML - Precisamente, iria completar... a não ser agora estarem abertos ao público e este poder desfrutar. A parte habitacional e os serviços são uma parte mínima e árida. Com um pé direito de quatro metros de altura, penso eu, onde não há aquecimento nem é possível haver.

AE - Neste mês de abril ainda é muito frio.

ML - Ainda, embora não seja o mais frio.

A história colocou-nos nas mãos estes palacetes que levam à inveja, pode-se dizer, de algumas pessoas da sociedade civil, mas não nos podemos desfazer deles. A história é de respeitar! Por mim viveria muito mais confortável num prédio de apartamentos.





AE - O abrir o Paço a quem o queira visitar é uma forma partilhar esse espaço?

ML - É uma forma de partilhar mas também de enganar o turista. Ele só vê o que é o bom, os salões, e não vai aos nossos quartos, nem podia ir, para ver como nós vivemos. São muito diferentes dos salões.

“Os frágeis e a ligação com os jovens serão duas prioridades”

AE - Há dois temas que estão particularmente em foco no pontificado do Papa Francisco: a juventude, devido ao Sínodo marcado para outubro, e a família. Falemos da juventude. Que análise faz da reunião pré-sinodal, que decorreu em Roma?

ML - Eu não tenho todos os dados a nível do que aconteceu em Roma...

AE - Ouvir os jovens não eram um passo essencial para este processo?

ML - Era. Certamente agora vão ser tiradas conclusões, imagino eu. Não ficou tudo nas palminhas, nos discursos e nas 'selfies' que se fizeram. Agora alguma coisa vai resultar em ordem à efetividade do Sínodo. Preciso de me documentar sobre a realidade do Porto, que conheço de forma genérica. Agora, a relação com os jovens será uma das minhas prioridades. Posso avançar que a minha preocupação com os frágeis e a ligação com os jovens serão duas prioridades mentais. Como vamos conseguir equacionar isto no dia-a-dia, ainda vamos ver. De qualquer forma, procurarei ter estes dois sectores nos meus olhos.

AE - Tendo presente que a relação com os jovens, nomeadamente nas paróquias, é com alguns jovens e uma minoria dos jovens?

ML - Pois é! Como fazer para chegar aos que estão mais arredados, sem preocupação de uma conversão apressada. Discutir com os que se opõem à dimensão da fé. Porquê? Se fosse possível, eu gostava de me encontrar de forma informal com assembleias de jovens que se opõem à fé, escutá-los. Se calhar tenho pouco a dizer-lhes, mas gostava de ouvir a sua perspetiva.

AE - Um desafio para o sector diocesano da pastoral juvenil.

ML - Um desafio que lançarei a quem de direito.

“Não há oposição entre os bispos em Portugal”

AE - Um outro tema que decorrer do pontificado do Papa Francisco é a família. De que forma se vão dar passos, nomeadamente no acolhimento, integração e acompanhamento dos casais em segunda união?

ML - Não vai ser por decreto do bispo. Será por um trabalho sinodal, de todos, incluindo as famílias, e daqueles que têm a missão de trabalhar nesta pastoral. Vamos criar uma mentalidade, aquilo que Pio XII chamava uma opinião pública dentro da Igreja. Devagariinho, sem pressas e ver onde podemos chegar.

AE - Mas o objetivo é o acolhimento e a integração?

ML - O objetivo é sempre a integração de todos.

AE - Também na prática sacramental?

ML - Também na prática sacramental se tal for possível, depois de um forte discernimento. Porque há aqui um tratamento por vezes superficial. Quando o Papa refere, numa alínea, a integração na comunhão e confissão, fala numa possibilidade, não quer dizer que todos os casais lá cheguem. Mas essa possibilidade estará em aberto.

Também que isto não nos ocupe todo o tempo, que nos faça esquecer toda a pastoral familiar, concreta-

mente a preparação para o matrimónio, os primeiros anos da vida em matrimónio, que certamente - imagino, nunca fui casado - serão anos de muito sonho mas de confronto com nova realidade. E tudo o resto, incluindo os viúvos...

AE - De uma análise a este tema nos últimos meses, na Igreja Católica em Portugal, pode dar a impressão que tínhamos ideias diferentes de como concretizar esse acolhimento e integração, a partir de propostas de bispos diocesanos. Há opiniões diferentes ou diz-se a mesma coisa de forma diferente?

ML - As duas coisas. Normalmente dizemos a mesma realidade, fiéis à mesma doutrina e a maneira de exprimir pode ser com palavras diferentes que levem a perceções complementares.

Estamos em oposição ao Papa Francisco? Ninguém está em oposição ao Papa, pelo menos que o tenha declarado publicamente em Portugal. A fazer exatamente aquilo que o Papa Francisco pede: ele despoleitou um processo, que tem milhentos caminhos possíveis e nós estamos à procura dos melhores caminhos para chegar à mesma meta. O caminho da Diocese de Angra pode não ser o mesmo da Diocese Bragança-Miranda, o do Porto pode não ser o do Ordinariato Castrense. Estamos todos à procura de caminhos mas a meta é a mesma. Não há oposição entre os bispos em Portugal. Nenhuma!

“Ao longo da história inventamos formas inovadoras de estar presente junto das carências das pessoas”

AE - A proximidade aos pobres, aos frágeis, aos marginalizados, que elege como prioridade é um trabalho que é cada vez mais, na sociedade portuguesa, desenvolvido em parceria com o Estado, a exigir protocolos que são feitos com instituições da administração pública e que obrigam a uma reconfiguração das instituições da Igreja católica. Bastará a boa vontade para

ajudar quem precisa ou que reconfiguração é preciso fazer por parte das instituições eclesiais?

ML - É todo um trabalho que temos de fazer a nível do pensamento. Por natureza e até por funções que desempenhei no Ordinariato Castrense, em Portugal, eu não tenho nada contra o Estado, pelo contrário.

AE - E assim teria de ser...

ML - Pois. Dentro dos órgãos de Estado temos pessoas com muita categoria, todos interessados no bem da sociedade. Agora, não sei se estamos a prejudicar a dimensão socio-caritativa da Igreja a vários níveis. Primeiro: criar a mentalidade de que, se o Estado favorece, nós católicos não precisamos intervir muito, nem com o nosso trabalho, nem com a nossa esmola. Segundo: estamos, talvez, a não ter aquela especificidade que nos leva a dizer 'fazemo-lo porque a pessoa em situação precisa'. Pode gerar a ideia de que o fazemos porque o Estado nos dá dinheiro para o fazer.

AE - Não é isso que está a acontecer?

ML - Não, mau era! Assim deixamos de ser Igreja Católica em Portugal. Não. Fazemo-lo porque as pessoas precisam e, porque não temos recursos suficientes, recorremos ao Estado, em igualdade de circunstância com as outras instituições. Não há uma lei específica, não obstante a Concordata entre Portugal e a Santa Sé, que dê ajudas económicas aos nossos centros sociais e paroquiais. Concorremos aos fundos do Estado em igualdade e circunstâncias de todos os organismos e pessoas privadas.

AE - E as instituições da Igreja católica devem levar por diante esse trabalho como prioritário ou de forma supletiva, quando não existem outras propostas da sociedade?

ML - A prioridade é descobrirmos a contínua novidade que a situação nos obriga. Que pode não ser sempre o mesmo modelo, o mesmo infantário, o mesmo lar de terceira idade. Pode haver necessidade de outros sectores. Esse é o nosso palmarés, mesmo que a sociedade não queira reconhecer. Ao longo da história

inventamos formas inovadoras de estar presente junto das carências das pessoas. O que se cristalizou nas obras de misericórdia, corporais e espirituais, e que as nossas Misericórdias tão bem executam, foi uma novidade para o seu tempo. Se hoje formos ver, a grande assistência aos sem-abrigo, foi de organizações de Igreja. Mas não quer dizer que hoje chegue para lidar com sem-abrigo pegarmos nas nossas carrinhas e às 8 da noite ir levar-lhes uma refeição quente.

O Papa Francisco ensinou-nos, por exemplo, que uma barbearia pode ser muito importante para tratar de um sem-abrigo. Que uma casa de banho construída na Praça de São Pedro pode ser muito importante para um sem-abrigo.

AE - E não esperou que fosse o governo de Roma a fazê-lo...

ML - Exatamente. Esta inovação é que há de ser sempre a nossa referência mental para lidar com as problemáticas sociais. Sermos criativos. Claro que isso o Estado vai chegar sempre atrasado. Não vamos pedir dinheiro para montar uma barbearia para os sem-abrigo. O Estado não reconhece isso, não está na sua legislação.

A Igreja tem de ser profética na inovação e na capacidade de descobrir novas maneiras de se relacionar com as problemáticas humanas.

“Tentarei não desmerecer os meus antecessores”

AE - Pergunto-lhe como tem acompanhado a solução parlamentar encontrada para o governo português?

ML - É um âmbito que respeito plenamente. Verifico apenas, e só, e é isso que me compete dizer e mais nada, que graças a Deus temos paz social. É melhor ou pior? Isso é para os analistas e o povo quando for chamado a eleições dirá com o seu voto se concorda com esta solução ou se quer outra. Mas uma coisa é verdade: temos paz social, embora ultimamente tenha havido sintomas de agitação, nos transportes...

AE - Por estar seguro por pontas?

ML - Pois, não sei. Que o poder é legitimamente constituído, não tenho dúvidas. Não foi a solução que porventura não estava na mente dos eleitores quando votaram, mas o poder é legítimo e tem-nos conseguido alguma paz social. Parece que a nível económico as coisas estão a melhorar. Não me compete a mim, porque não sou analista, dizer de quem são os méritos, se deste governo ou do anterior, se da conjuntura económica. Estamos num tempo de globalização em que por vezes aquilo que é meramente nacional é o que menos conta no conjunto da economia global. Enfim, mas isso não sei.

AE - Fiz-lhe esta pergunta porque se coloca a todos os bispos, às lideranças católicas. Mas coloca-se sobretudo ao bispo do Porto. Que peso tem esta expressão, num ambiente mediático, social, político?

ML - Você toca num problema fundamental para a minha percepção e consciência de bispo. Já o disse antes: eu sei do peso dos bispos do Porto até este momento, até antes de mim, no todo nacional. A minha preocupação não é continuar esse peso institucional, mas sei que as pessoas olham para o bispo do Porto como alguém que terá o seu peso...

AE - E de quem esperam propostas a vários níveis.

ML - Porventura. Tentarei não desmerecer os meus antecessores.



D. Manuel Linda bispo do Porto

O Papa Francisco nomeou D. Manuel Linda, de 61 anos, como novo bispo do Porto, anunciou a Nunciatura Apostólica (embaixada da Santa Sé), em comunicado enviado à Agência ECCLESIA.

O prelado, até agora responsável pelo Ordinariato Castrense, as comunidades católicas das Forças Armadas e de Segurança, sucede no cargo a D. António Francisco dos Santos, falecido a 11 de setembro de 2017, aos 69 anos, na Casa Episcopal da Diocese do Porto, vítima de um problema cardíaco.

D. António Bessa Taipa, bispo auxiliar desde 1999, assumiu desde o falecimento do anterior bispo do Porto, as funções de administrador diocesano.

A Diocese do Porto tem ainda com bispos auxiliares D. Pio Alves de Sousa e D. António Augusto Azevedo.

O lema episcopal de D. Manuel Linda é 'Sede alegres na esperança'.

Na Conferência Episcopal Portuguesa, o novo bispo do Porto preside à Comissão Episcopal da Missão e Nova Evangelização e é vogal da comissão para a Pastoral Social e Mobilidade Humana.

D. Manuel Linda tinha sido nomeado pelo Papa Francisco como ordinário castrense em Portugal a 10 de outubro de 2013, sucedendo então a D. Januário Torgal Ferreira, que resignou por limite de idade.

Antes, fora nomeado auxiliar da Arquidiocese de Braga, a 27 de junho de 2009, pelo Papa Bento XVI; a ordenação episcopal aconteceu na Catedral de Vila Real, a 20 de setembro do mesmo ano, numa cerimónia presidida por D. Joaquim Gonçalves, então bispo da diocese transmontana.

Manuel da Silva Rodrigues Linda nasceu a 15 de abril de 1956 na Freguesia de Paus (Concelho de Resende, Diocese de Lamego e Distrito de Viseu); frequentou os Seminário Menor (Resende) e Maior (Lamego), e o Instituto de Ciência Humanas e Teológicas (Porto) tendo sido ordenado padre a 10 de junho de 1981, na Diocese de Vila Real.

Na diocese transmontana foi pároco, assistente diocesano da Ação Católica, promotor de Justiça e Defensor do Vínculo no Tribunal Eclesiástico e responsável pela Pastoral Juvenil; foi também capelão militar.

Ao longo de 19 anos, assumiu a missão de reitor do Seminário de Vila Real e de vigário episcopal para a Cultura, tendo sido coordenador diocesano da pastoral e membro dos Conselhos Presbiteral, Pastoral e de Consultores.

O novo bispo do Porto é licenciado em Humanidades, pela Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa (1987), e em Teologia, pela Faculdade de Teologia (Porto) da mesma Universidade (1988); obteve a licenciatura canónica (estudos de segundo grau, equivalente ao Mestrado) em Teologia, pela Pontifícia Universidade Lateranense, em Roma (1991), e o doutoramento em Teologia, especialidade de Teologia Moral, pela Universidad Pontificia Comillas, em Madrid (1998), com a tese 'Andragogia política em D. António Ferreira Gomes', bispo do Porto.

D. Manuel Linda foi docente na Universidade Católica Portuguesa e colaborou com o Instituto Superior Miguel Torga/Escola Superior de Altos Estudos (Coimbra), a Universidade do Minho e a Universidade de

Trás-os-Montes e Alto Douro; é membro fundador do Centro de Estudos do Pensamento Português (UCP - Porto).

O novo bispo interveio recentemente nas Jornadas de Teologia da Universidade Católica, no Porto (29 de janeiro a 1 de fevereiro), sublinhando as “dificuldades de subsistência” de alguns “organismos sociocaritativos da Igreja” e chamando a atenção para novas for-

mas de carência que “reclamam formas de intervenção inovadoras”.

O prelado colabora regularmente com a ECCLESIA, assinando uma coluna de opinião.

15 de março de 2018





Mensagem à Diocese do Porto

Aos que, na consciência da fé, no desânimo da indiferença, na adesão a outras crenças ou até na oposição ao fenómeno religioso aspiram à felicidade pessoal e coletiva, edificam a sociedade humana na paz e na verdade e vivem ou são originários da área da Diocese do Porto.

1. Ao longo da vida, tenho sido presenteado com surpresas tão agradáveis que nem sequer ousava esperar. Muitos chamarão a isso coincidência ou acaso. Eu, porém, acredito que é o Espírito de Deus quem conduz a história, não obstante a liberdade pessoal e até as resistências colocadas à graça. A minha nomeação para ir pastorear a Diocese do Porto, agora tornada pública, insere-se nestas felizes surpresas com que Deus tem urdido as teias da minha existência.

2. Ao Santo Padre, o Papa Francisco, agradeço esta prova de confiança. E renovo, solenemente, uma total fidelidade efetiva e afetiva. Igual agradecimento vai para o senhor Núncio Apostólico e para quantos apostaram no meu nome: como disse por alturas da minha ordenação episcopal, tentarei não defraudar a confiança.

3. Não é sem emoção que regresso ao Porto passadas quase quatro décadas depois da minha formação no seu Seminário Maior. Daqui surgiu para a vida sacerdotal, aqui exerci o sacerdócio colaborando na formação de novos padres, aqui volto como mais um de entre os muitíssimos que apostam tudo na evangelização e na

promoção humana desta Diocese que sempre se distinguiu pela cultura dos seus membros, zelo missionário, santidade operante e sadia presença na sociedade. Tudo isto na fidelidade ao sopro do Espírito que nos manda edificar «um novo céu e uma nova terra», de acordo com os sinais dos tempos.

4. É, pois, com uma imensa alegria e não menor admiração que saúdo quantos a constituem. Permitam-me um destaque especial para os mais débeis: os pobres, desempregados, doentes, idosos, detidos e quantos perderam os horizontes da esperança. Cumprimento as famílias, sem qualquer dúvida, a célula básica da sociedade e, conseqüentemente, também da nossa Igreja. Apetecia-me parafrasear o Papa São João XXIII e dizer com a mesma bonomia: dai um beijo aos vossos filhos e dissei-lhes que é o novo bispo quem lho manda. Felicito quantos constituem a necessária teia social da comunidade viva: o mundo do trabalho e suas organizações, os sectores da cultura e do desporto, os organismos voltados para a saúde e para a assistência social, autênticos pilares da liberdade e da felicidade possíveis. Uma palavra de admiração aos dirigentes da comunidade: sei bem do vosso valor e zelo nos diversos âmbitos, seja nas autarquias e no ensino, seja na segurança ou na administração.

5. A Igreja de Deus que está no Porto é fidelíssima naquele dinamismo apostólico e missionário que deve caracterizar o homem e a mulher de fé. Agradeço a todos os que empenham muitas das suas energias

ao serviço do Evangelho: os fiéis leigos que dão corpo aos organismos paroquiais e diocesanos e fermentam o mundo com o humanismo cristão; as religiosas e os religiosos que nos oferecem o exemplo do seguimento radical de Jesus; os Diáconos que testemunham a caridade como primeira característica do Reino de Deus; os Seminários que nos asseguram a esperança; os caríssimos Padres, alguns já tão cansados, que aguentam o peso do trabalho e a desconfiança de uma sociedade em continua mutação; o Cabido, instância de saber e de dinamismo sacerdotal; o Vigário Geral e membros das estruturas de participação, garantia da corresponsabilidade; o Reverendíssimo Administrador Diocesano, D. António Taipa e os Senhores Bispos Auxiliares, D. Pio Alves e D. António Augusto, os quais, no seu conjunto, constituem o verdadeiro centro nevrálgico da intensa vida diocesana. Continuaremos com este dinamismo. Deixai-me inserir nessa vinha do Senhor como assalariado acabado de contratar.

6. Trabalharei no Porto como tenho feito até aqui: «com Pedro e sob Pedro». Mas também «à maneira de Pedro». Isto é, pretendo ser um «missionário da misericórdia», um pastor com «o cheiro das ovelhas», um pai dos Padres, um irmão dos mais pobres e um fomentador do espírito ecuménico e de diálogo. Procurarei reconduzir a Igreja a uma tal simplicidade evangélica que a constitua referencial ético para o mundo atual.

7. Ainda que numa visão global e apressada, no último século, chama a atenção uma forte semelhança entre o enorme timbre de grandeza dos Pastores da Diocese do Porto e os da Igreja universal. Numa e noutra, há mártires, profetas e santos. No caso desta nossa Diocese, legaram-nos um tal património histórico-moral que constitui uma referência incontornável para a Igreja e para a sociedade portuguesas. Tendo presente, apenas, aqueles que conheci pessoalmente, não deixarei de me inspirar na determinação granítica de D. António, no zelo pastoral de D. Júlio, na arguta pers-

picácia de D. Armindo, na lucidez intelectual de D. Manuel e na afetividade pura e contagiante de D. António Francisco.

8. Sei bem que o meu antecessor direto marcou a história da Diocese com a sua proximidade e candura. Por isso, foi chorado como um pai. Também o foi por mim. Não ignoro que não é fácil substituí-lo. Mas todos nós, agentes de pastoral, tomaremos em boa conta o seu grande legado: a certeza de que a única chave que abre o coração humano é a ternura e a simpatia.

9. Se o Porto é a “cidade do trabalho”, não é menos a “cidade da Virgem”. Da “Terra de Santa Maria” até à Senhora da Vandoma, a invocação pode ser distinta, mas a devoção e a confiança são as mesmas. Então, que a Mãe de Jesus e Mãe da Igreja vele por nós e pelo meu novo ministério, para que sejamos, agora e sempre, uma Igreja aberta, franca, acolhedora, missionária, orante, solidária, encarnada no mundo. Se “daqui houve nome Portugal” como nos garante Eugénio de Andrade, também floresça uma Igreja conduzida pelo Espírito, sensível aos sinais dos tempos e sempre “reformanda”, como pede o Papa Francisco e exigem os nossos contemporâneos.

10. A nossa ilustre diocesana, Sophia de Mello Breyner, deixou-nos uns versos que interpelam: “A presença dos céus não é a Tua,/ embora o vento venha não sei donde./ Os oceanos não dizem que os criaste,/ nem deixas o Teu rasto nos caminhos./ Só o olhar daqueles que escolheste/ nos dá o Teu sinal entre os fantasmas”. Somos nós esses escolhidos para captarmos e retransmitirmos o «sinal» de Deus. Vamos fazê-lo de tal maneira que se evitem todos os ruídos perturbadores e, dessa forma, se afastem os fantasmas dos medos e os pavores da solidão, tão típicos da sociedade atual?

A todos abraço. Sobre todos invoco a bênção divina.

D. Manuel Linda

Saudação a D. Manuel Linda

Com data de 15 de março, o Santo Padre nomeou Bispo do Porto Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor D. Manuel Silva Rodrigues Linda, até agora Bispo do Ordinariato Castrense.

Recebemo-lo como um dom de Deus chegado até nós pela mão do zelo apostólico de Sua Santidade, a quem significamos a nossa gratidão.

O Senhor Dom Manuel Linda não é estranho a esta Diocese. Foi aqui que terminou o seu curso teológico, no Seminário Maior de Nossa Senhora da Conceição. Saudamos o seu "regresso".

A Diocese saúda Sua Ex.cia Rev.ma e significa a sua alegria e a sua esperança, e faz votos por fecundo e frutuoso Episcopado.

Todos quantos integram esta porção do Povo de Deus afirmam a sua disposição em colaborar, com lealdade e filial obediência, com o Bispo agora chegado.

Teremos presente na nossa oração o Senhor Dom Manuel e solicitamos para a sua ação pastoral a bênção materna de Nossa Senhora da Assunção.

A data da entrada solene, na Catedral do Porto, será comunicada a seu tempo.

D. António Taipa

D. Pio Alves

D. António Augusto Azevedo



MENSAGEM ÀS FORÇAS ARMADAS E ÀS FORÇAS DE SEGURANÇA

“Não se deixa sem dor o que se possuiu com amor”

1. No exercício do seu dever de velar pelo bem de todas as dioceses do mundo, o Santo Padre, o Papa Francisco, acaba de me confiar uma nova tarefa: assumir a função de Bispo da Diocese do Porto. Trata-se de um pedido irrecusável: quer os militares e polícias, quer nós, pessoas da Igreja, sabemos bem o que é obedecer e a força moral de uma «guia de marcha» para onde os nossos superiores entendem que somos necessários.

2. Por este motivo, partirei, com gosto, para o trabalho apostólico numa grande diocese que muito amo e ad-

miro. Não obstante, esta mudança de atividade gera no meu interior uma extensa mancha de nostalgia e de saudade, já que, os quatro anos passados no meio castrense criaram relações e enraizaram amizades que não se podem ignorar. Agora, compreendo melhor uma conhecida frase de Santo Agostinho de Hipona e que se aplica a mim próprio: “Não se deixa sem dor o que se possuiu com amor”.

3. Deixo, de facto, um sector que me proporcionou muitas alegrias: o Ordinariato Castrense para Portugal ou Diocese das Forças Armadas e das Forças





de Segurança. Aos militares e polícias garanto que a nossa foi uma história feliz. Agora que saio, estou em condições de completa liberdade para repetir o que sempre disse: agradeço-vos o zelo com que avalizais os valores inegociáveis da paz, segurança, liberdade, bem comum e a própria democracia.

4. Por pedido do Santo Padre, continuarei a exercer as funções de “Administrador Apostólico” do Ordinariato Castrense, até à nomeação do futuro bispo. Quer isso dizer que continuarei a presidir a uma ou outra celebração religiosa e a tornar-me presente nas várias estruturas militares e policiais por intermédio dos Capelães.

5. No Porto, há muitos militares e polícias. Podem contar com a minha especial dedicação. Mas, na realidade deste mundo globalizado e no tamanho do nosso país, certamente as circunstâncias nos colocarão frente a frente muitas vezes. Anseio por esses momentos, pois tenho a certeza de que a amizade ultrapassa os limites das distâncias físicas.

6. Caros militares e polícias de Portugal, habituei-me a ver em vós pessoas muito capacitadas, profissionais que não descuidam a formação contínua e gente portadora de uma especialíssima sensibilidade social. Sabeis, de facto, que existis não para vós, mas para servir a sociedade. Sois, portanto, portadores de imensos valores: conservai-os! Constituí-vos como uma das grandes reservas morais da Nação. E que a sociedade se habitue a respeitar sempre mais quem a serve tão denodadamente.

7. Saudai-me as vossas famílias e aqueles a quem quereis bem: elas também são «militares e polícias» por participação no vosso estilo de vida, na contínua mobilidade que tendes de suportar, na dureza e no perigo das funções que assumis. Dizei-lhes que também as aprecio muito. E para todos e cada um de vós, o abraço fraterno deste vosso amigo que convosco procurou fazer caminhada ao longo destes quatro anos. Deus vos ajude.

O vosso irmão e amigo,

D. Manuel Linda

Homenagens das Forças Armadas e de Segurança

D. Manuel Linda, foi condecorado pelo Ministério da Defesa pelos “relevantes serviços” exercidos ao serviço das comunidades católicas das Forças Armadas e de Segurança. Durante a cerimónia da entrega da Medalha da Defesa Nacional, o ministro da Defesa, José Alberto Azeredo Lopes, destacou um homem de “serenidade culta e afável”, que “num cargo por definição de tempo curto e limitado” colocou mãos à obra “como se o seu tempo não tivesse fim”.

“Do que se trata agora é de ver como é que foi exerci-

da a função. E eu acho que ela foi exercida de modo exemplar, foi exercida com serenidade, sem medo de aqui e ali ir lançando mensagens que evidentemente tínhamos de ouvir, e foi exercida numa dimensão de tolerância relativamente ao fenómeno religioso em geral, e não apenas relativamente àqueles que são católicos, que deve ser profundamente destacada”, reforçou em declarações à Agência ECCLESIA.

Na hora de passar o testemunho, D. Manuel Linda agradeceu os sinais de apreço e reconhecimento que





tem recebido, por parte de todos os ramos das Forças Armadas e de Segurança. Homens e mulheres que são, segundo o responsável católico, “portadores de uma tal formação e consciência de serviço, que constituem sem qualquer sombra de dúvida uma das mais altas e eloquentes reservas morais da nação”.

O responsável entende que conseguiu “demonstrar ao Estado laico, e que deve ser isso mesmo, laico – embora respeitador da nação que não é laica –, que é possível cumprir o regime legal e concordatário sem temor”, e ser presença da Igreja Católica no meio militar, da polícia ou da sociedade em geral sem “fazer proselitismo ou impor qualquer género de crença”.

O bispo foi ainda condecorado pela Força Aérea, cerimónia que o Chefe do Estado-Maior da Força Aérea definiu como nova oportunidade para relevar “as qualidades e virtudes” que D. Manuel Linda sempre demonstrou, nas alturas “mais alegres”, mas também “nos momentos mais difíceis”.

“Recordo o acidente que tivemos no nosso C-130 (ndr.

em 2016, na Base Aérea do Montijo) em que sua excelência reverendíssima esteve sempre connosco desde início, dando-nos a sua fé, a sua força”, apontou o general Manuel Teixeira Rolo, que lembrou ainda “o papel relevantíssimo” desempenhado por D. Manuel Linda durante a visita do Papa Francisco a Portugal, em maio de 2017.

O chefe de Estado-Maior da Força Aérea Portuguesa distinguiu D. Manuel Linda com a medalha de mérito aeronáutico de primeira classe.

“Estarão sempre no meu coração”, disse D. Manuel Linda, que lembrou que no Porto também terá como missão estar próximo daqueles que de forma tão “nobre” se entregam aos outros, na área militar.

A vinda do Papa Francisco a Portugal, em maio de 2017, foi um dos acontecimentos que marcaram a missão de D. Manuel Linda como bispo das Forças Armadas e de Segurança.

A 13 de abril, os militares e elementos das Forças de Segurança quiseram prestar homenagem a D. Manuel

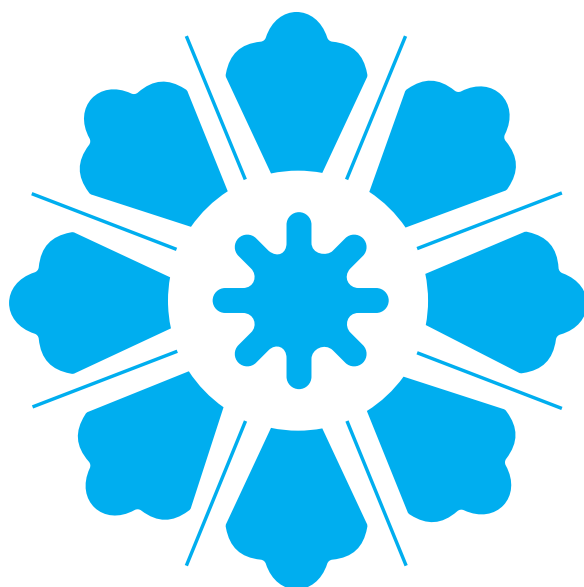
Linda, numa celebração na Igreja de Santa Maria de Belém, em Lisboa.

A Missa contou com a presença do Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas, almirante António da Silva Ribeiro, e os chefes dos três ramos das Forças Armadas (Força Aérea, Marinha e Exército). O diretor nacional PSP e comandante geral da GNR, tal como os padres do Ordinariato Castrense, também vão marcar presença.

Na homilia da Eucaristia, D. Manuel Linda afirmou que o “escândalo” da fome no mundo “não pode ser mais tolerado” e que os cidadãos do mundo globalizado o devem “gritar bem alto”.

prelado deixou um “obrigado” às Forças Armadas e de Segurança e à sociedade. “E digo ainda um obrigado a Deus que me colocou num setor, posso dizê-lo com emoção, só me deu muita alegria”, concluiu.





AGÊNCIA ECCLESIA

Diretor: Paulo Rocha | Chefe de Redação: Octávio Carmo
Redação: Carlos Borges, Henrique Matos, José Carlos Patrício, Lúcia
Silveira, Luís Filipe Santos, Sónia Neves
Grafismo: Manuel Costa | Secretariado: Ana Gomes
Propriedade: Secretariado Nacional das Comunicações Sociais
Diretor: Padre Américo Aguiar
Pessoa Coletiva nº 500966575, NIB: 0018 0000 10124457001 82.
Redação e Administração: Quinta do Bom Pastor
Estrada da Buraca, 8-12
1549-025 LISBOA
Tel.: + (351) 218 855 472
agencia@ecclesia.pt; www.agencia.ecclesia.pt;

